



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

NAI MONTEIRO DA SILVA

**INVESTIGANDO VIADAGENS E TECNOMASCULINDADES NO
APLICATIVO DE PEGAÇÃO *GRINDR***

Recife

2024

NAI MONTEIRO DA SILVA

**INVESTIGANDO VIADAGENS E TECNOMASCULINDADES NO
APLICATIVO DE PEGAÇÃO *GRINDR***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem.

Linha de pesquisa: Análises linguísticas, textuais, discursivas e enunciativas.

Orientador: Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo

Coorientadora: Profa. Dra. Suzana Leite Cortez

NAI MONTEIRO DA SILVA

**INVESTIGANDO VIADAGENS E TECNOMASCULINDADES NO
APLICATIVO DE PEGAÇÃO *GRINDR***

Recife

2024

DEDICATÓRIA

A Heitor Gabriel, meu filho querido, por encher os meus dias com sua alegria e por me reensinar a ver as belezas do mundo. Todas as páginas deste trabalho não seriam suficientes para agradecer por sua existência em minha vida. Te amo do tamanho do céu!

AGRADECIMENTOS

A Exu e Pombagira, donos das encruzilhadas da minha vida, pelas possibilidades de transitar entre as palavras.

A Oxum, dona do meu orí e senhora do meu destino, por me lembrar que as águas doces podem renovar a fé e a perseverança.

A Heitor Gabriel, por me inspirar a ser uma travesti, uma mãe e uma professora melhor.

Ao meu orientador Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo pela companhia na longa jornada desta dissertação e à minha coorientadora Profa. Dra. Suzana Leite Cortez pela interlocução e incentivo.

A CAPES pela bolsa de pesquisa e pela confiança cedidas, sem as quais seria muito mais complicado me tornar mestra.

Aos professores que compõem a minha banca, Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho e Prof. Dr. Natanael Duarte e também às professoras Profa. Dra. Vicentina Ramires e Profa. Dra. Iasmin Rodrigues.

Aos grupos de pesquisa que foram essenciais para trocas e debates: o Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais (NuQueer/UFRPE) e o Grupo de Estudos do Texto (GESTO/UFPE).

A Will Santana, meu “namorado”, por ser um parceiro de vida e de amor e por dividir comigo os bons e maus momentos da vida acadêmica. Te amo.

A Apollo Arantes por ser um amor capaz de deixar a vida mais leve.

Às professoras e professores que me ensinaram a trilhar o caminho da educação com graça e determinação: Profa. Dra. Lívia Suassua, Profa. Dra. Eliete Santiago, Prof. Dr. Clecio Bunzen, Profa. Dra. Rita de Cássia Souto Maior e Profa. Dra. Fabielle de Stockmans de Nardi.

A Lucas Henrique, um grande amigo que o PROGEL me deu. Obrigada pelos áudios, mensagens e todas as ricas trocas que temos.

À Estella Duflot, pelos encontros de comadre para falar sobre a vida. Obrigada pela sua amizade e por me fazer sorrir mesmo quando estou triste.

A língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de quem é que pode representar a *verdadeira condição humana* (Kilomba, 2019, p. 14, grifos da autora).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar o critério textual da referenciação em perfis que tratam de masculinidades dissidentes no aplicativo de pegação Grindr. A fim de construir um debate indisciplinar a respeito do tema em foco, duas vertentes teóricas subsidiam este estudo: Linguística Textual (Cavalcante; Brito, 2022; Cavalcante; Martins, 2020; Custódio Filho, 2011) e Linguística Aplicada (Trans)viada, sendo esta fruto do roçar entre autorxs da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2022; Fabrício, 2006) e do que tenho denominado Teorias (Trans)viadas ligadas a gênero e à sexualidade (Bagagli, 2013; Borba, 2020; Santos Filho, 2021; Vergueiro, 2020; Gomes; Rebello; Nascimento, 2010). De natureza qualitativa e interpretativa, a análise realizada seria composta por 25 prints, mas acabou sendo realizada com 15, coletados entre os anos de 2019 e 2022, de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo cuja finalidade é o relacionamento sexual e/ou afetivo principalmente entre homens que se relacionam com outros homens. O objetivo geral está ligado a 1) Fissurar os processos referenciais das tecnomasculinidades no Grindr. Já os objetivos específicos são, respectivamente, 2) Hackear os recursos linguísticos utilizados na (re)produção da afeminofobia; 3) Lombrar sobre os objetos de discurso e os processos referenciais mais comuns nos perfis. Em termos de resultados, foi possível observar que referentes ligados a gays afeminados são continuamente introduzidos e retomados por meio de recategorizações depreciativas, de modo a deslegitimar suas masculinidades como se fossem insuficientes, com base em categorias como estereótipo, pressuposto e negação, dentro do que é socialmente compreendido como “ser homem”. Soma-se a isso o fato de que os referentes afeminado, gordo e velho são os mais abjetificados, respectivamente, dentro da construção dos perfis. Por outro lado, referentes relacionados às expressões como “machos” e “sigilosos” são construídos e requeridos como modo de validar performances avaliadas como naturais e adequadas. É possível concluir, portanto, a necessidade de horizontalizar as noções de gênero e sexualidade de modo a superar a verticalização que ratifica algumas performances como corretas ao passo que invalidam e abjetificam outras vistas como inferiores por não reproduzirem determinados padrões. Além disso, é importante compreender os mecanismos linguísticos da afeminofobia, a fim de dismantelar e subverter discursos de natureza preconceituosa.

Palavras-chaves: Masculinidades dissidentes; Referenciação; Linguística Aplicada (Trans)viada; Viadagens; Grindr.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the textual referencing criterion in profiles that deal with dissident masculinities on the Grindr dating app. In order to build an interdisciplinary debate regarding the topic in focus, two theoretical strands support this study: Textual Linguistics (Cavalcante; Brito, 2022; Cavalcante; Martins, 2020; Custódio Filho, 2011) and (Trans)viada Applied Linguistics, this being my proposition in the sense of dialogue between authors of Applied Linguistics (Moita Lopes, 2022; Fabrício, 2006) and what I have called Teorias (Trans)viadas linked to gender and sexuality (Bagagli, 2013; Borba, 2020; Santos Filho, 2021; Vergueiro, 2020). Qualitative and interpretative in nature, the analysis carried out consists of 25 prints, collected between the years 2019 and 2022, of user profiles of the Grindr app, a digital platform whose purpose is sexual and/or affective relationships mainly between men who have relationship with other men. The general objective is linked to 1) Fissure the referential processes of technomascuities on Grindr. The specific objectives are, respectively, 2) Hack the linguistic resources used in the (re)production of afeminophobia; 3) Lombrar the objects of discourse and the most common referential processes in profiles. In terms of results, it was possible to observe that referents linked to effeminate gay men are continually introduced and resumed through derogatory recategorizations, in order to delegitimize their masculinities as if they were insufficient, based on categories such as stereotype, assumption and denial, within what is socially understood as “being a man”. Added to this is the fact that the referents effeminate, fat and old are the most abjectified, respectively, within the construction of the profiles. On the other hand, referents related to expressions such as “macho” and “secretive” are constructed and required as a way of validating performances evaluated as natural and appropriate. It is possible to conclude, therefore, the need to horizontalize the notions of gender and sexuality in order to overcome the verticalization that ratifies some performances as correct while invalidate and abjectify others seen as inferior because they do not reproduce certain standards. Furthermore, it is important to understand the linguistic mechanisms of afeminophobia in order to dismantle and subvert prejudiced discourses.

Keywords: Dissident masculinities; Referencing; (Trans)viada Applied Linguistics; Viadagens; Grindr.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Página inicial do Grindr.

Imagem 2: Detalhamento do Grindr.

Imagem 3: Passivo c local

Imagem 4: Xingamentos no Grindr.

Imagem 5: Mlk sigilo.

Imagem 6: Sigilo Nosso.

Imagem 7: Passivo Macho.

Imagem 8: Passivo c Local.

Imagem 9: Cara Pas S/Loc

Imagem 10: CaraPass_sigilo

Imagem 11: Cláudio

Imagem 12: Ativo leiteiro

Imagem 13: Questões metodológicas da Linguística Aplicada (Trans)viada.

LISTA DE ABREVIACÕES

HxH: Homens que transam com outros homens.

LT: Linguística Textual.

LA: Linguística Aplicada.

LAT: Linguística Aplicada (Trans)viada.

App: Aplicativo.

LGBTQIAPN+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais.

GP: Garoto de Programa.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANALÍTICOS DA PESQUISA | 23 |
| 3 LOMBRANDO SOBRE OS DADOS Erro! Indicador não definido. | 25 |
| 4 PREÂMBULO DA LINGUÍSTICA APLICADA (LA) NO BRASIL..... | 30 |
| 5 ROÇANDO A LINGUÍSTICA APLICADA (LA) E AS TEORIAS (TRANS)VIADAS PARA GOZAR UMA LINGUÍSTICA APLICADA (TRANS)VIADA (LAT) | 32 |
| 6 (IN)CONCLUSÕES..... | 35 |
| 7 REFERÊNCIAS..... | 37 |

1 INTRODUÇÃO

Pensei em mil maneiras de iniciar esta dissertação e escrevi muitas versões que foram excluídas e refeitas ao longo do período de produção. Quem escreve sabe que se trata de um exercício contínuo e, em alguma medida, exaustivo. Por mais que tenhamos afinidade com o tema e comprometimento com o fazer científico, escrever é custoso em tempo e disposição. Provavelmente o uso inicial do verbo pensar, conjugado na primeira pessoa do singular, cause algum estranhamento. Em diálogos realizados durante as orientações para a construção desta dissertação, decidi utilizar a primeira pessoa do singular com o objetivo de tornar o texto pessoal.

É sabido que não é possível escrever sozinha, pois não tenho o dizer adâmico, com base em Bakhtin (2003). Na verdade, “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está interligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 297). Assim, há sempre um emaranhado de discursos que inscrevem o que é produzido dentro de redes discursivas, no entanto utilizar a primeira pessoa do singular é um gesto político em oposição aos puristas da ciência que acreditam que a suposta impessoalidade é a única maneira de produzir conhecimento.

Costumo dizer que o exercício mais complexo que já fiz até hoje foi ter e criar um filho, me refiro ao meu lindo Heitor Gabriel. A maternidade não é simples e, ser mãe e travesti é muito mais complexo. Dito isso, a segunda coisa mais difícil que fiz até hoje com certeza foi a dissertação. As noites mal dormidas e de insônia, o ritmo de trabalho, o cuidado com a cria, um somatório de fatores que impactaram diretamente na produção. Lembro de escrever com Gabriel dormindo no meu colo inúmeras vezes e também de escrever depois de um dia de jornada dupla entre trabalho e maternidade.

Julgo importante trazer esta contextualização, uma vez que se espera, ao fim do mestrado, um produto final que é o gênero dissertação, mas sinto falta, muitas vezes, de ler sobre os bastidores reais do processo, sobre entraves, hiatos de produção e acontecimentos que impactam naquilo que será lido. Por isso gosto de ser transparente ao dizer que o mestrado tem sido um processo complexo que me fez questionar se meu lugar de fato é na academia e é, se eu quiser que seja.

Espero que os comentários não sirvam como um desincentivo a quem pretende cursar a pós-graduação, mas que seja uma possibilidade de compreender que talvez algumas pessoas romantizam o mestrado e o doutorado como se fosse algo perfeito, mesmo não sendo. Dito isso, eu faria tudo novamente, desde a seleção até os anos de pesquisa e escrita que resultaram

neste trabalho, inclusive por ser a pós-graduação um lugar importante a ser ocupado por pesquisadoras dissidentes que constroem pesquisas que se afastam de um fazer científico objetivista e pseudoimparcial.

Para além disso, considero pertinente pontuar, de início, uma questão que pode ser vista como polêmica: sou uma travesti que pesquisa masculinidades dissidentes em um aplicativo de pegação¹ majoritariamente acessado por homens que transam com homens (HxH). Talvez surjam questões no sentido de tentar entender o porquê de uma travesti trabalhar com masculinidades em um aplicativo inicialmente direcionado a homens, apesar de não ser utilizado exclusivamente por este público.

Dois eventos importantes serviram para ratificar a minha necessidade de escrever sobre este tema e falarei brevemente sobre eles. Há alguns anos, durante um evento acadêmico sobre gênero e sexualidade, um pesquisador questionou o fato de eu ser a única mulher a estar no Grupo de Trabalho sobre masculinidades e perguntou se eu estaria ocupando o meu “real lugar de fala”, espero que a pergunta tenha despertado algo engraçado em você, como aconteceu comigo.

Sorrir do questionamento foi algo automático, mas respondi que utilizo e investigo o aplicativo desde antes da minha transição e não via problemas em fazê-lo enquanto uma travesti, uma vez que brancos estudam negritude, pessoas cisgêneras pesquisam temáticas de pessoas trans e travestis e ele era um homem branco pesquisando masculinidades negras, mas ninguém estava questionando o seu suposto lugar de fala.

No fim, meu argumento pretendia lembrar que o lugar de fala pode ser compreendido a partir do entendimento de que:

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas [...] Com isso, pretende-se também refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva (Ribeiro, 2017, p. 40).

A autora Djamila Ribeiro enfoca questões importantes a respeito do fato de que o lugar de fala não tem relação com determinismo, como afirmar que apenas negros podem falar sobre

¹ No início do mestrado eu afirmava que o grindr é um “aplicativo de relacionamento” (Monteiro, 2022). Atualmente, utilizo a definição de “aplicativo de pegação” por considerar o principal objetivo de utilização dos usuários: ter encontros sexuais.

questões raciais, homens podem falar sobre masculinidade, pessoas trans podem falar sobre questões trans, mas que a pluralidade de vozes pode desestabilizar lógicas ditas universais que definem quem pode ou não falar sob o status de verdadeiro ou adequado.

Vale pontuar que minha apresentação não propunha uma masculinidade decolonial ou higienizada, como virou moda na abordagem de teraupetas e coaches pela internet, mas trazia críticas às noções de masculinidade que são construídas em detrimento de masculinidades que são discursivamente desqualificadas, segundo argumenta Marques (2016). Qual o sentido de uma travesti criticar verdades cristalizadas, leitor²? Como conclusão, o suposto problema não tinha relação com o tema ou a qualidade do meu trabalho, mas sim com a frustração de ver uma travesti em lugar de igualdade dentro de uma discussão que o pesquisador julga ser “coisa de homem”.

Na contramão deste posicionamento, de acordo com Kimmel (2016, p. 99), a “masculinidade não surge na nossa consciência através de nossa constituição biológica; mas é criada pela cultura”. Logo, se não há questões biológicas que nos liguem compulsoriamente à masculinidade e se, para muitos, a masculinidade é construída em oposição excludente em relação à mulheridade, esta erroneamente concebida como categoria identitária estável, coerente, natural e universal, quem disse que masculinidade é coisa de homem ou que tem exclusivamente a ver com ser homem?

Outro evento significativo está ligado ao lançamento do livro “Processos de pesquisa em linguagem, gênero, sexualidade e (questões de) masculinidades”, do professor Ismar Inácio dos Santos Filho (2017). Eu já acompanhava o professor Ismar no Instagram e ao saber que o seu livro seria lançado em Recife, e que abordava homens bissexuais no bate papo Uol, despertou a vontade de compartilhar com ele meu interesse de investigar masculinidades dissidentes no Grindr.

Apesar da timidez, tomei coragem e falei sobre a minha ideia de pesquisa, que foi elogiada e apoiada pelo professor. Acredito que aquele momento me fez confirmar que a discussão que eu já vinha construindo desde a metade da graduação era bem recepcionada por um professor que é uma referência na Linguística Aplicada e nos estudos de Gênero e Sexualidade. Diferente do pesquisador que me interpelou como se eu não pudesse discutir sobre

² Utilizo a linguagem não-binária — uso do ‘e’ e do ‘x’ substituindo vogais temáticas e desinências de gênero como ‘o’ e ‘a’ —, ao longo do texto, mas não a delimito como a forma predominante de marcação de gênero (não utilizo a todo o momento), pois acredito que a linguagem não-binária não supera as marcações do gênero masculino e feminino, porém se apresenta como mais uma possibilidade inclusiva de gênero, conforme argumentam (Borba; Medeiros, 2021; Santos Filho, 2021; Barbosa Filho; Othero, 2022). Assim, apresento ao longo do trabalho marcações de masculino, feminino e não-binária.

masculinidade, o professor Ismar elogiou a ideia e me deu seu contato caso precisasse conversar. Ele não me viu como alguém que estava “roubando” local de fala dos homens, mas como uma pesquisadora que poderia construir um estudo interessante.

Vale salientar que num dado momento do mestrado eu cogitei observar apenas dois referentes bastante produtivos na coleta dos dados, sendo eles “afeminado” e “macho”. Sua recorrência fez pensar que voltar minha atenção a eles seria interessante, no entanto tal gesto analítico limitaria o meu olhar para dois referentes, apenas, deixando de lado dados que podem ter uma produtividade significativa em seus “efeitos possíveis naquela situação comunicativa” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 25).

Por isso, a mudança de perspectiva possibilitou a construção do objetivo geral deste estudo que diz respeito a 1) Fissurar os processos referenciais das tecnomasculinidades no Grindr. Assim, é possível observar a referenciação de cada perfil que faz parte do *corpus*. Já os objetivos específicos são e estão relacionados a 2) Hackear os recursos linguísticos utilizados na (re)produção da afeminofobia; 3) Lombrar sobre os objetos de discurso e os processos referenciais mais comuns nos perfis.

Por fim, a presente dissertação está organizada da seguinte maneira: 2. Procedimentos metodológicos e analíticos da pesquisa; 3. Lombrando sobre os dados; 4. Preâmbulo da Linguística Aplicada (LA) no Brasil; 5 Roçando a Linguística Aplicada (LA) e a Teorias (Trans)viadas para gozar uma Linguística Aplicada (Trans)viada; 6. (In)conclusões; 7. Referências.

Compreendidas questões mais contextuais da pesquisa, é chegado o momento de refletir um pouco sobre as viadagens e pegações proporcionadas pelo App Grindr. Ao longo de uma tradição acadêmica eurocêntrica e colonial, algumas palavras não são permitidas ou, ao considerar um discurso menos denunciativo, certas expressões, a exemplo de viado e bicha, são tidas como pouco acadêmicas. Historicamente, viado é um insulto homofóbico que desqualifica homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens; logo, como um insulto que retrata vivências subalternas e errantes pode ocupar páginas de um texto de qualificação em nível de mestrado? Isso seria, no mínimo, absurdo, e desejo que seja para alguém.

O título da seção já indica que eu não tenho problemas em falar a respeito deste local, o de produção de viadagens. Não pretendo ser ingênua e propor afastar a carga semântica pejorativa do adjetivo “viado”, muito pelo contrário, evoco viadagem, palavra derivada de viado, em seu sentido sujo, subalterno e incômodo, como modo de (re)existência, compreendendo que “viado é um insulto [...] Viado também é uma forma familiar, carinhosa,

identitária, amistosa usada pelos viados [...] Viado, como ofensa e como estima, é usado indiscriminadamente entre os falantes da língua brasileira (Silva, 2015, p. 220). Julgo importante demarcar o meu local de fala: sou uma travesti, em outras palavras, não sou homem nem mulher, mas sim um projeto de gênero experimentando as possibilidades e impossibilidades de me esquivar de lógicas binárias dentro de uma sociedade que organiza-se a partir de binariedades autoexcludentes: *homem-mulher, macho-fêmea, masculino-feminino, heterossexual-homossexual, cisgênera-transgênera, pau-buceta*.

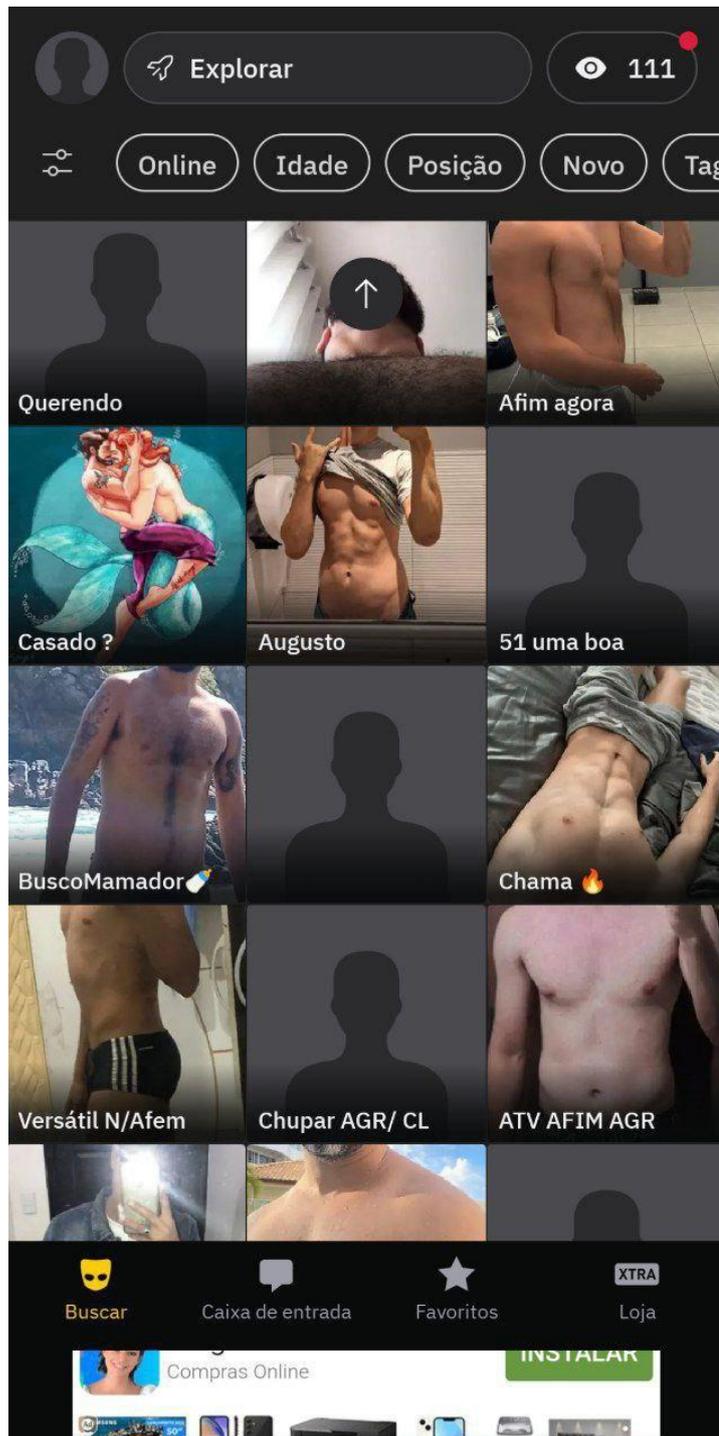
Definido, de maneira introdutória, a partir de onde enuncio, proponho a viadagem como um gesto epistemológico, o que provavelmente soará estranho a quem ler, pois se “viado” é uma palavra não acadêmica como é possível considerar a viadagem como uma possibilidade epistêmica? Assim, para Silva (2015, p. 218-219), “A viadagem é uma palavra bastarda e ilegítima. Vem do menos legítimo ainda viado. Viado é assim o erro que define/constrói uma categoria de humanos específica, já errados, não-naturais, ilegítimos”.

Proponho viadagens, assim, como um chamamento aos conhecimentos produzidos por vivências e teorizações de pessoas marginalizadas e dissidentes quanto ao gênero e à sexualidade, as sexo-dissidentes e gênero-dissidentes, conforme argumeta Vergueiro (2020). Conhecimentos que não são convidados a entrar pelas portas principais das universidades, nem por janelas ou frestas, pois não são vistas como qualificadas para ocupar a academia, Kilomba (2019). Como tantos acessos interrompidos, graças à dissidência e descredibilização, resta às marginalizadas arrombarem a passagem e tomarem tais espaços de assalto solicitando maneiras outras de produzir e fazer circular ciência.

Entendidas as bases epistemológicas deste estudo, passarei a discutir sobre alguns aspectos da pesquisa que venho desenvolvendo no âmbito do mestrado. Nos últimas décadas, é possível acompanhar o crescimento significativo de aplicativos de relacionamento e, conseqüentemente, de usuárias interessadas em encontrar parceiras afetivas e/ou sexuais. Temos como exemplo Tinder, Scruff, Badoo dentre outros que cooperam para a conexão entre os usuários com base em suas afinidades.

Assim, um aplicativo de relacionamento LGBTQIAPN+ com destaque mundial, lançado em 2009, é o *Grindr* que funciona por geolocalização, permitindo que as/os/es usuárias/os/es saibam quais pessoas, nas proximidades, estão disponíveis e a procura de interação-pegação, conforme exemplo a seguir:

Imagem 1: Página inicial do Grindr



Fonte: Acervo pessoal.

Um detalhe importante diz respeito ao público-alvo do app, que são homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens (gays, bissexuais, pansexuais), segundo descrito nas informações sobre o aplicativo no Play Store:

Imagem 2: Detalhamento do Grindr



Fonte: Play Store.

Alguns detalhes da imagem chamam atenção, como o título “Grindr - Bate-papo gay”, o que delimita o público-alvo do App. Dadas as novas atualizações, o Grindr passou a incluir nominalmente outros possíveis usuários, como identificado no segundo parágrafo do tópico “Sobre este app” que faz referência a “gay, bi, trans, queer [...] ou explorando sua sexualidade”. Julgo importante apresentar tais delimitações por acreditar que outras tantas questões podem ser analisadas nesse app que não só aquelas ligadas às masculinidades ou aos usuários homens.

Vale comentar que sou usuária do Grindr há 8 anos e, desde quando o instalei, em 2016, tenho me interessado pelas estratégias linguísticas e linguageiras utilizadas nos perfis dos usuários que descrevem suas preferências na busca por parceiros on-line. Acaba por ser muito comum encontrar, por um lado, interdições aos gays afeminados, como avisos de que eles não devem iniciar conversa com os tidos “sigilosos”.

Alguns teóricos têm se debruçado sobre os estudos sobre o grindr, a exemplo de: Ramon Costa (2020), que em sua dissertação intitulada “ENTRE TAPS E DIREITOS: proteção de dados pessoais, privacidade e liberdade no aplicativo Grindr”, vinculada ao Mestrado em Direito e Inovação da Universidade Federal de Juiz de Fora, discute sobre os sentido de privacidade e liberdade adotados pelos usuários, além de como se relacionam com a Lei 13.709 de 2018, a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais do Brasil (LGPD).

Já Thiago Carneiro (2023), na dissertação intitulada “Vender-se(r) no Grindr: efeitos da inscrição do sujeito no discurso da mercantilização do corpo masculino”, ligada ao Mestrado em Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, investiga como é construído o discurso sobre a mercantilização do corpo de garotos de programa (GP). Por fim, Marcos Cruz (2022), na dissertação “Corpo, virilidade e desejo: o ethos discursivo de masculinidade em anúncios de garotos de programa no Grindr”, vinculada ao Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará, discute os modos de produção do ethos da masculinidade materializada nos discursos de garotos de programa. Os três trabalhos convergem no entendimento de que os discursos produzidos no Grindr, sobre masculinidades, cooperam para o reforço das noções hegemônicas sobre o que é ser homem, além de propagar ideais sobre masculinidades.

Enquanto há interdições aos gays e bissexuais afeminados, como se fossem insuficientemente homens, existe também uma caça aos sigilosos na busca por semelhantes que revela os modos de construção de si, Butler (1990), com o objetivo de criar interações diferentes daquelas anteriormente observadas em apps de relacionamento, conforme sustenta Oliveira (2017). Isso está ligado à produção do que tenho chamado de tecnomasculinidades, mas antes de chegar neste conceito é preciso, primeiramente, compreender o que a Linguística de Texto tem denominado tecnodiscurso, a partir da proposição de Paveau (2017): “discours natif en ligne”. Com base nesta autora, responsável pela proposição de que ao se tratar de interações digitais, os aspectos linguísticos são tão importantes quanto os aspectos tecnológicos, Cavalcante *et al.* (2022) argumenta que o tecnodiscurso:

se refere às produções textuais realizadas na internet, com as ferramentas disponíveis nessa mídia, ou seja, são textos projetados, produzidos e propagados no contexto digital on-line. Estamos aspeando o termo “tecnodiscurso” para dizer que preferimos um outro modo de nomear esse fenômeno, já que não se trata de um “texto”, muito menos de um “discurso”, mas sim, de um pressuposto de que os atos de linguagem se integram a recursos tecnológicos direta e indiretamente, numa tecnodiscursividade (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 82).

Assim, é possível conceber a tecnodiscursividade como uma unidade analítica que pode cooperar para a investigação de textos nativos digitais, com base no fato de que o tecnodiscurso é propiciado pela tecnodiscursividade, pois é ela, fruto da interação entre o tecnológico e o linguístico, que por meio dos tipos de mídia, suporte e interlocutores possibilita a produção de tecnodiscursos.

Com base nisso, os tecnodiscursos podem estar ligados a temas. Por exemplo, ao observar uma página do Instagram sobre feminismo será possível encontrar tecnodiscursos sobre feminismo. No caso do Grindr, mais especificamente nos perfis, é possível reconhecer tecnodiscursos sobre masculinidades, ou seja, textos sobre masculinidades, com diferentes direcionamentos argumentativos, que são elaborados e disponibilizados com vistas a circular em ambientes virtuais.

As dissertações que apresentei acima compartilham com este trabalho o interesse por discursos sobre masculinidades, ou sobre o que tenho conceituado como: tecnomasculinidades. Nesta dissertação, o conceito de tecnomasculinidades só é possível graças a noção teórica de tecnodiscursividade, promovida pela obra *Linguística Textual: Conceitos e aplicações*, publicada em 2022, fruto do Grupo Protexto, liderado pela professora Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*). Se a tecnodiscursividade é resultado da interação entre recursos tecnológicos e atos de linguagem, as tecnomasculinidades podem ser compreendidas como uma unidade analítica que possibilita o planejamento, publicação e propagação de tecnodiscursos sobre masculinidades construídas discursivamente com vistas a circular em contextos digitais.

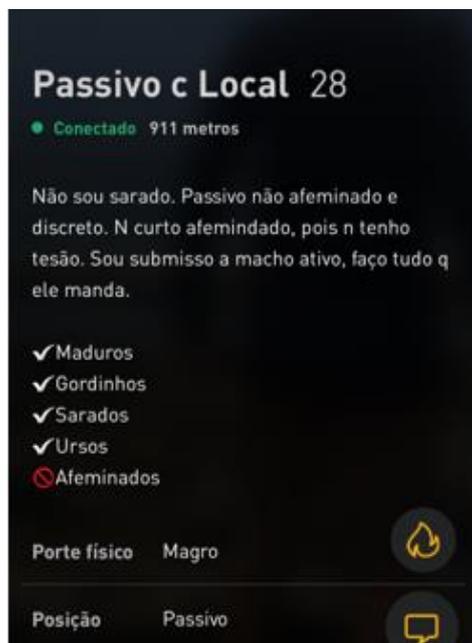
A tecnomasculinidade, materializada nos tecnodiscursos sobre masculinidades, integra aquilo que se pode denominar, de acordo com Paveau (2017, p. 10), como sendo uma complexa “rede de relações algorítmicas que garantem o funcionamento e a circulação, ao mesmo tempo em que lhes confere traços linguisticamente inéditos, como a clicabilidade no plano morfolexical ou a imprevisibilidade no plano discursivo”. Em outras palavras, as tecnomasculinidades observadas no Grindr propiciam tecnodiscursos muito específicos, que atuam com vistas a construir uma espécie de propaganda, ou seja, de masculinidades que são ao mesmo tempo tecnológicas e comerciais.

Quando falo sobre masculinidades comerciais, não pense que estou me restringindo a casos de GP, como abordam Carneiro (2023) e Cruz (2022), mas faço menção a toda e qualquer masculinidade apresentada no aplicativo. Tal afirmação pode ser polêmica, e espero que seja, por isso vou argumentar sobre o que me faz pensar assim.

Adam (1992) e Amossy (2018) convergem no entendimento de que: os textos seguem uma orientação argumentativa e há grande importância na dimensão argumentativa dos textos, dimensão esta que é constitutiva, em instantes de interação. Isso possibilita o entendimento de que “a argumentação é constitutiva de todo texto” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 23). Nos perfis do Grindr, os usuários falam sobre si com vistas a conquistar a atenção e o interesse dos interlocutores envolvidos nos instantes de interação, ou seja, argumentam para vender a

masculinidade que performam, inclusive, por meio de recursos linguageiros e tecnológicos, conforme o exemplo a seguir:

Imagem 3: Passivo c local



Fonte: Acervo pessoal.

| |
|--|
| Passivo |
| Passivo (2x) |
| Não afeminado |
| Discreto |
| Não curto afeminado |
| Não tenho tesão |
| Submisso a macho ativo |
| Faço tudo que ele mandar |
|  Afeminados |

É perceptível como o locutor, compreendido como “um sujeito estrategista, que opera escolhas, ao mobilizar a língua” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 66), constrói discursos sobre sua masculinidade, ao qualificar-se como “não afeminado”, “discreto”, “submisso a macho ativo” e “faço tudo que ele mandar”, e sobre a masculinidade daqueles com os quais ele pretende estabelecer relações, ao afirmar “não curto afeminado, pois não tenho tesão” e “ Afeminados”. Assim, ao descreverem suas masculinidades e ao proporem as masculinidades que lhes interessa, os locutores relevam seus pontos de vista “por comentários explícitos” e também “pela referenciação, isto é, pelas escolhas de seleção, de combinação, de atualização do material linguístico” (RABATEL, 2016, p. 30).

Um olhar desavisado pode conceber as restrições impostas aos gays afeminados, e a busca pelos ditos “machos de verdade”, como simples preferência isenta de preconceito. No entanto, uma análise crítica é capaz de perceber que quando um usuário procura “homens de verdade e não afeminados”, acaba por contribuir para o que Ismar Inácio Santos Filho (2020) entende por manutenção enunciativa da masculinidade hegemônica, masculinidade esta

concebida como um parâmetro utópico a ser seguido por todos que se reconhecem como homens, tal como argumenta Ettore Medeiros (2018).

Neste sentido, também pode ser percebido, no perfil anteriormente apresentados e nos que fazem parte do corpus ecos de um discurso baseado na afeminofobia, compreendida:

Caráter de repulsa aos corpos afeminados num contexto social hierárquico de dominação masculina, onde os papéis dos homens cisgêneros heterossexuais ainda são colocados em superioridade aos demais indivíduos, pois o mundo dos machos e das suas machonormatividades carecem de uma perpetuação dos atributos que assim o identifiquem, bem como a reprodução de violências simbólicas que, de certo modo, demarcam seus lugares de poder, o lugar do macho alfa (Silva; Pereira; Pontes, 2023, p. 11).

Deste modo, observar o Grindr de maneira atenta permite encontrar relações desarmoniosas de poder, pois existem permissões e interdições impostas aos sujeitos com base no fato de serem visto como homens dotados de uma masculinidade tida como adequada ou como homens que não são verdadeiramente reconhecidos como homens.

No fim, “todos os saberes compartilhados são redesenhados na negociação entre os interlocutores do texto” (Cavalcante; Martins, 2020, p. 29), e, nas negociações de sentido, versões de mundo são construídas a respeito dos sujeitos sobre os quais se fala. Concluída esta breve introdução ao aplicativo de pegação Grindr, é importante refletir sobre como os discursos sobre masculinidades são nele construídos e reconstruídos.

A princípio, algumas definições são importantes para delimitar as escolhas teórico-metodológicas adotadas na presente análise. É sabido que perfis de um aplicativo serão observados de modo a compreender seus processos referenciais, o que dá ideia de análise no nível do texto e do discurso, logo, são dois conceitos que merecem a nossa atenção. De início, parto da proposição de língua em suas dimensões dialógica, ancorada em Bakhtin (2003), e sociointeracional, com base em Vygotsky (1991, 1987) e Marcuschi (2008). Em outras palavras, língua como fenômeno perpassado por nuances histórica, social, cognitiva, cultural e que ganha vida nos instantes de interação.

Ao assumir a perspectiva sociointeracional, é possível recuperar a noção de texto defendida por Adam (2019) como uma unidade contextual de sentido e comunicação. Por ser fruto das interações, o texto traz o sentido de “presentificação” aos interactantes, Hanks (2008),

e resulta num “evento comunicativo” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 16), pois ele “acontece cada vez que se enuncia, de maneira única e irrepitível”, (Muniz-Lima, 2022, p. 54). Isso acontece, uma vez que “um mesmo texto produzido ou lido em situações enunciativas distintas pode se encaminhar para sentidos igualmente distintos, em função de inúmeros aspectos da interação” (idem). Tais proposições se alinham à noção de língua como evento que, por meio de textos, é capaz de acionar saberes compartilhados de modo a (re)atualizá-los sofrendo modificações ao passo que os textos se realizam na interação.

É preciso ter em mente a relação indissociável entre texto e discurso já que este é realizado a partir da mobilização de recursos linguageiros que contribuem para a construção de sentidos. Para mais, podemos admitir o discurso como um “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (Fairclough, 2016, p. 94-95). Em outras palavras, os discursos requerem agentividade por parte dos interlocutores, pois incidem sobre seus modos de dizer possibilitam a representação deles.

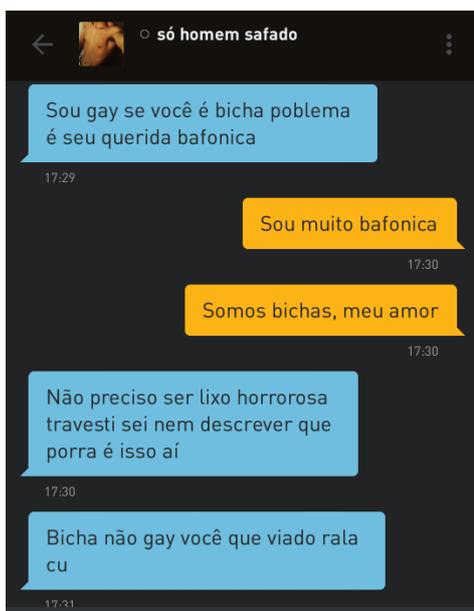
Em sentido próximo podemos compreender o discurso como sendo:

[...] uma ampla relação entre vários discursos, que se comentam, que se parafraseiam, que se citam, convergindo ou divergindo. Os discursos, e seus cruzamentos, só se atualizam quando os textos se constroem nas interações e são assumidos no dizer dos locutores. [...] uma atividade de sujeitos em contextos determinados Ou seja, o discurso é prática social, mas também são conhecimentos de uma memória coletiva compartilhada entre os sujeitos da linguagem (Cavalcante, *et al.*, 2020, p. 29).

Em outras palavras, os discursos são fenômenos complexos ativados e reativados por meio da realização dos textos em instantes de interação. Por isso, defendo que a análise de discursos não pode deixar de lado a materialidade do texto assim como análises textuais não devem ignorar o impacto dos discursos nas possíveis produções de sentido.

Talvez até agora não tenha feito tanto sentido como surgiu o interesse por esse tema e abordagem, por isso apresento um dos momentos delicados, mas infelizmente rotineiros, de como se dão as preferências e interdições no aplicativo:

Imagem 4: Xingamentos no Grindr



| |
|-------------------------|
| Homem |
| Safado |
| Gay (2x) |
| Bicha |
| <u>Querida bafônica</u> |
| Muito bafônica |
| Bichas |
| <u>Lixo horrorosa</u> |
| Travesti |
| <u>Viado rala cu</u> |

Fonte: acervo pessoal.

É provável que o print acima, obtido de junho de 2017, seja no mínimo curioso, pois ele mostra uma interação pautada na minha desqualificação para afirmação da masculinidade do interlocutor que me interpelou. Vale pontuar que neste ano, apesar de me estar começando a me compreender enquanto travesti, mas sem expor isso para outras pessoas, inúmeras vezes fui abordada como “traveco” ou “travesti” e lembrada que o Grindr é para homens “de verdade” e eu tinha uma masculinidade “insuficiente”.

Isso é confirmado ao passo que Segundo Judith Butler (2016, p. 44), “a matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir””, e para que isso aconteça, são rexaçados “aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero””.

É possível notar que existe, nos discursos observados, uma manutenção das normas de gênero e sexualidade “que precisam ser constantemente citadas. Reconhecidas em sua autoridade, para que possam exercer seus efeitos” (LOURO, 2008, p. 43). Aí reside o intuito de repetir regras como “passivo não afeminado”, “sou e curto discreto”, pois repetir as normas é um modo de (re)ativá-las e manter a força do seu funcionamento.

Argumento no sentido de que todos os usuários do Grindr são dissidentes quanto à sexualidade, pois se afastam da heterossexualidade para viverem seus desejos com outros homens. No entanto, alguns desejam ocupar o lugar da norma por se reconhecerem como “verdadeiramente masculinos” e, por consequência, para ter sua masculinidade atestada como

inteligível associam passivos a afeminados, em tom pejorativo, e os deslegitimam quanto às suas masculinidades.

Fica evidente, de início, a prevalência de um discurso proveniente da cis-heteronormatividade, que é:

[...] fundamentada na racionalidade platônica e atuante por meio de binaridades e antagonismos, funciona como um regime político de dominação que administra e controla os corpos dentro da biopolítica. Ou seja, incide sobre todos os aspectos da vida humana e sobre as (im)possibilidades de viver humanamente, além de ser responsável por instituir quais existências são válidas, e quais, inválidas (Monteiro, 2022, p. 139).

Desse modo, a cis-heteronormatividade e seus modos de operacionalização são responsáveis por operar com estratégias de um modelo biopolítico de dominação que adentra e controla os corpos, além de incidir sobre as (im)possibilidades de viver humanamente, o que coopera para decidir quais existências são válidas e quais devem ser aliadas dentro dos processos sociais.

A rede referencial do da imagem 4 também chama atenção, pois primeiro eu sou chamada de bicha e, em seguida, este referente é continuamente retomado com adjetivos, utilizados de modo pejorativo. A referenciação é desenvolvida ao mesmo tempo que:

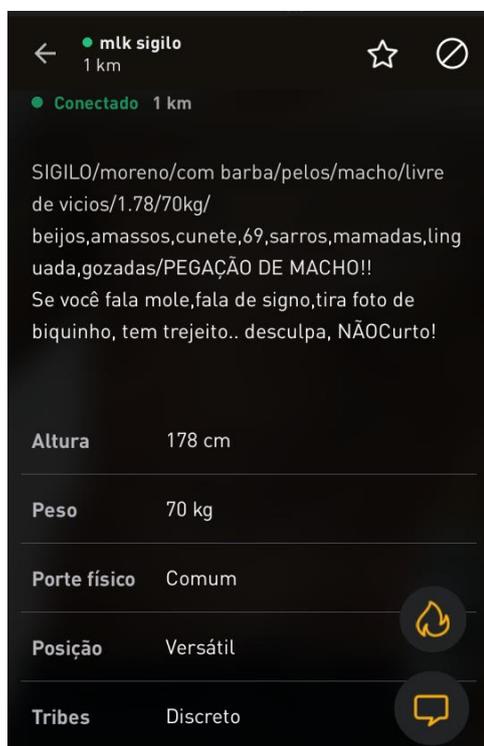
Elegemos inicialmente um assunto ou referente (aquilo de que se vai tratar), ao qual se vão acrescentando as informações desejadas. Quando há necessidade de retomar mais adiante o mesmo tema, produz-se o movimento de retroação (remissão). À criação de um tema ou a sua retomada, dá-se o nome de **referenciação** (KOCH; ELIAS, 2016, p. 86, grifo das autoras).

É possível observar o papel imprescindível dos referentes nos textos, pois é por meio de sua introdução e retomada que podemos lembrar sobre os processos referenciais. Vale frisar que “o referente deixa de ser apenas um objeto identificado no texto para ser um objeto que, podendo exercer várias funções (Ciulla Silva, 2008), é essencial para a configuração dos sentidos” (Custódio Filho, 2022, p. 841). Noutras palavras, o referente pode ser compreendido como um objeto de discurso construído dentro das interações.

Percebam que são ativadas tanto expressões ligadas à sexualidade: “bicha”, “viado rala cu”, quanto a gênero: “travesti” todas mobilizadas de modo a afirmar que o Grindr não era o

meu lugar. Um ponto importante a ser trazido é que eu cogitei, em dado momento, investigar interações desarmoniosas como apresentado na imagem 4, no entanto os perfis do app são tão produtivos que preferi dedicar minha atenção a eles:

Imagem 5: Mlk sigilo



| Mlk | Fala mole |
|--------------------|------------------------------|
| Sigilo (2x) | Fala de signo |
| Macho | <u>Tira foto de biquinho</u> |
| Com barba/pelos | Tem trejeito |
| PEGAÇÃO DE MACHO!! | NÃO curto! |
| Discreto | - |

Fonte: acervo pessoal.

No print, a repetição de “macho”, apresentado 3 vezes na descrição do perfil, é interessante, pois “repete-se como meio de martelar na mente do leitor/ouvinte até que se deixe persuadir” (Koch; Elias, 2016, p. 100). É importante perceber que a repetição, neste caso, tem a função de reafirmar-se enquanto macho e a procura de semelhantes.

No fim, é possível “saber o que significa ser um homem em nossa cultura *estabelecendo definições em oposição aos grupos considerados como os outros* – as minorias raciais, as minorias sexuais e, sobretudo, as mulheres” (KIMMEL, 2016, p. 99, grifos meus). Noutras palavras, a masculinidade é discursivamente disputada e concebida pela diferença em relação a quem não é homem, o que confere poder aos “homens de verdade” em detrimento de corpos que serão por eles deslegitimadas.

Assim, descrições como “descarto afeminados e afetados” e “curto homem de verdade e não afeminado” são muito comuns e acabam por hierarquizar masculinidades criando uma relação binária: *gays afeminados x machos*.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANALÍTICOS DA PESQUISA

Compreendidos alguns aspectos introdutórios sobre o Grindr e sua produção discursiva, vale a pena compreender o que é epistemologia para dar seguimento a discussão pretendida. Nesse sentido, a epistemologia:

É a ciência da aquisição de conhecimento e determina que questões merecem ser colocadas (*temas*), como analisar e explicar o fenômeno (*paradigmas*) e como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (*métodos*), e nesse sentido define não apenas o que é conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar (Kilomba, 2019, p. 54, grifos da autora).

É possível perceber que a epistemologia não está apenas ligada aos modos de construção do conhecimento, mas também a quais discursos devem ser validados e deter o *status* de verdadeiramente científicos. Dentro das ciências, é evidente o que Ramón Grosfoguel (2016) chama de privilégio epistêmico do homem ocidental, ou seja, a credibilidade que avaliza o conhecimento eurocêntrico colonial e o aponta como universal como se pudesse dar conta de toda e qualquer realidade.

Para manter determinado saber como hegemônico, é necessário descredibilizar outros saberes e colocar em xeque sua validade ou, ainda pior, promover um epistemicídio que vise destruir os conhecimentos e as pessoas que os produzem. Nas práticas discursivas, nem todos podem falar ou acessar o que é dito, a exemplo de nossa produção acadêmica que, muitas vezes, está restrita aos espaços acadêmicos e buscam comunicar exclusivamente com eles, de modo que não chegam nas favelas, por exemplo, tampouco estabelecem diálogo com pessoas marginalizadas.

A partir da compreensão de epistemologia como um instrumento de (des)legitimação de conhecimentos que aponta qual saber é válido, qual é inválido e como a produção de saberes deve acontecer, salientando o privilégio colonial e nortista, proponho uma “desobediência epistêmica” (Mignolo, 2010, p. 17), por meio de uma epistemologia (trans)viada, ou melhor, a (trans)viagem como uma epistemologia.

Apoio-me no pensamento de Kilomba (2019, p. 58), pois em minhas investigações: “demando uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas”. Sabemos que a ciência clássica exclui saberes negros, originários,

indígenas, ciganos, LGBTQIAPN+, femininos e trans, por isso, uma episteme pessoal e subjetiva é importante para comunicar nossas demandas e compreender nossas particularidades.

Assim, argumento no sentido de que temas, paradigmas e métodos tenham a nossa cor local e falem de nossa realidade, que possuam nossa marginalização e que marginalizem e transgridam o *modus operandi* do conhecimento científico, sem recorrer exclusivamente a uma universalidade branca, cisgênera, heterossexual, eurocêntrica e colonial.

Proponho-me a realizar uma pesquisa interpretativa e descritiva de abordagem qualitativa, Gerhardt e Silveira (2009), pois não me interessa quantificar os achados, mas sim interpretar e discutir a construção textual por meio da análise do processo de referenciação de perfis que tratam de masculinidades dissidentes.

Além disso, o *corpus* desta pesquisa seria formado, inicialmente, por 25 prints de perfis do Grindr, coletados entre 2019 e 2021, mas por questões de tratamento dos dados optei por analisar um total de 15 prints que constroem versões de mundo sobre masculinidades dissidentes (ênfase da análise se dá nos nomes e descrições dos usuários). Os sujeitos, donos dos perfis analisados, são todos cisgêneros, ou seja, são pessoas que nasceram com pau, foram denominados homens e aceitaram o gênero que lhes foi imposto ao nascer. Vale conceituar que a cisgeneridade é um verdadeiro sistema biopolítico (Bagagli, 2013) capaz de autodenominar-se como sendo “identidade de gênero ‘esperada’, ‘natural’, saudável, ‘biológica’, ‘congruente’” (Vergueiro, 2020, 455).

Trazer esta definição localiza os sujeitos da pesquisa e admite o lugar do qual eles enunciam, de homens cisgêneros. Eu encontro perfis de homens trans, que nasceram com buceta e são homens, mas os discursos por eles promovidos não se alinham à afeminofobia identificada no app. Além disso, as idades dos sujeitos variam entre 28 e 43 anos, ou seja, são homens adultos. Todos identificam-se como gays ou bissexuais, apesar de ser comum encontrar perfis que se intitulam como “héteros”, eles não fazem parte desta análise.

Por fim, não poderia defender a viadagem como epistemologia e pautar-me em uma metodologia aos modos acadêmicos tradicionais. Por isso, defendo para o meu estudo:

Uma submetodologia. Que vasculhe indisciplinarmente as sombras e os subterrâneos da produção teórica, hackeando os tímpanos da escuta científica para fazer passar, por eles, ruídos até então ignorados; e privilegie autorias não autorizadas, visibilizando contextos de disputas em torno das questões sobre quem e como falar. Submetodologia que não se furte às batalhas políticas em que se veja implicada e que não cesse de querer escapar, seja pela via do erro, da entropia ou por

qualquer outra, dos condicionamentos a que está submetida a produção de conhecimento no marco das metodologias disciplinares. (MOMBAÇA, 2016, p. 345).

Tomo para mim uma perspectiva metodológica indisciplinar, que dê voz àquelas que são silenciadas, assassinadas, cujas mortes não são passíveis de luto; que rompam com os parâmetro de normalidade e que “não apenas ultrapassam os limites da inteligibilidade cultural como efetivamente expandem as fronteiras do que é de fato culturalmente inteligível” (BUTLER, 2016, p. 54).

A escolha por investigar textos e discursos, a partir de uma abordagem (trans)viada, diz respeito ao fato de que os procedimento analítico que adoto “envolve perseguir cadeias de textos, atentando para pistas e rastros, em busca da conexão entre encontros interacionais locais e a conjuntura sócio-histórica na qual se inserem” (Fabrício, 2022, p. 13). Vale salientar que todos os prints analisados aqui são frutos de textos monogeridos, ou seja, “naqueles em que normalmente há apenas um locutor sem haver a comunicação na forma de diálogo ou conversa” (Cavalcante *et. al.*, 2022, p. 69). Apesar disso, os sujeitos analisados visam a interação com outros homens, logo, produzem possíveis sentidos ligados a si e aos outros de modo a estabelecer contato, conversa e, posteriormente, sexo.

Haja vista o contexto fodido em que vivemos, na ordem política, sociohistórica e cultural, aos casos recorrentes de LGBTfobia, aos anos nefastos do governo Bolsonaro e aos discursos e atitudes preconceituosas que saiam dos esgotos da sociedade neste período, esta pesquisa se faz necessária para lombrarmos criticamente sobre discursos da afeminofobia de modo a sequestrar suas estratégias e hackear seus modos operacionais.

“o movimento teórico-analítico proposto não apresenta fatos conclusivos ou explicações teleológicas sobre modos de vida. Suas considerações se assumem como provisórias e cultivadoras de incertezas” (Fabrício, 2022, p. 13).

Ao passo que negam humanidade às dissidentes e espaço de igualdade dentro do âmbito do discurso, proponho epistemologias e metodologias monstruosas, desestabilizadoras e deCUloniais. Em outras palavras, que operem pelo cu do discurso, da academia e da sociedade, por meio da sabotagem (OLIVEIRA, 2020). Por isso, “o movimento teórico-analítico proposto não apresenta fatos conclusivos ou explicações teleológicas sobre modos de vida. Suas considerações se assumem como provisórias e cultivadoras de incertezas” (Fabrício, 2022, p. 13). Então, que você conclua a leitura deste texto muito mais com dúvidas do que com convicções estabilizadas.

3 LOMBRANDO SOBRE OS DADOS

O critério microtextual de análise adotado é a referência, pois é o recurso utilizado para observar cada perfil registrado por meio de print. A referência pode ser concebida, segundo Cavalcante *et al.* (2020, p. 270) como “o critério mais central e produtivo da linguística textual”, uma vez que dialoga com demais critérios textuais e só pode ser observada na interação. Tal processo, ainda, pode ser compreendido como uma negociação complexa, para Mondada (1994), uma vez que demanda mecanismos textuais e linguageiros “para elaborar os objetos de discurso”, assim como “para encontrar a maneira mais adequada de expressá-los a cada momento” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 271).

No que diz respeito às categorias de análise, duas ganham destaque por serem capazes de agrupar o corpus da pesquisa, sendo eles o estereótipo e o pressuposto, discutidos a seguir.

No decorrer dos tempos é possível notar as inúmeras concepções acerca do estereótipo. Um conceito interessante que diz respeito a essa temática parte de Amossy (2005), que afirma: “A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado”.

Com base nisso, se observa que a autora vê o ato de estereotipar como uma ação que possui base em algo já arraigado na sociedade, e por isso acaba sendo uma reafirmação do que já foi dito. Outro conceito importante a ser pontuado no tocante ao processo de estereotipagem está ligado ao reconhecimento de que:

Na formação do repertório, ao longo de nossas experiências, há uma tendência constante para acumular ideias e conhecimentos que, com o tempo, vão se cristalizando, endurecendo e viram uma espécie de "carimbo"; usamos esse "carimbo" para conhecer ou reconhecer pessoas, objetos ou fatos à nossa volta (Blikstein, 2006, p. 51).

Com base nisso, é possível contemplar o estereótipo como um fator intrínseco à determinada cultura, e que acaba por se mostrar como um "carimbo" a ser utilizado no que a posteriori virá a se apresentar. Essas duas concepções apresentadas mostram ser sólidas bases para classificar o estereótipo e, partindo disso, se pode haver um estudo mais profundo a respeito dessa temática.

O estereótipo, quando utilizado de maneira comedida, se mostra como um meio que ajuda o leitor, durante o processo de leitura, a reconhecer a realidade humana da qual faz parte. Prova disso é o discurso de Blikstein (2006), que classifica o estereótipo como um "carimbo"

a ser utilizado pelo leitor. É bem verdade que quando usados de maneira saudável os estereótipos ajudam, uma vez que eles se caracterizam como verdades já antes pensadas, e que atualmente possuem poder no entendimento do leitor.

Outro ponto importante a ser abordado é o poder de inferência. É preciso lembrar que essa atividade é a capacidade de tirar conclusões a respeito do que se lê; portanto, fica claro que os estereótipos possuem uma participação especial nesse ponto. Sendo o processo de estereotipagem uma ideia intrínseca a determinada sociedade, e que passa por gerações, no momento em que o indivíduo, durante a leitura, realiza uma inferência, ele se utiliza de algum estereótipo que lhe ajuda a fazer conclusões lógicas a respeito do texto em que se está focando.

Em contrapartida, num dado momento em que o processo de estereotipagem acaba por afetar o poder crítico do leitor, tornando-o um indivíduo menos crítico em relação a outros argumentos existentes acerca de determinado assunto, será possível notar que o leitor usará um tipo de marcador excessivo para classificar suas leituras. Baseado nisso, o estereótipo precisa ser utilizado de não ser tomado como uma verdade absoluta a respeito do que se lê.

Por conseguinte, torna-se possível observar que o estereótipo se apresenta como um fator que tanto pode ser aliado, quanto pode se mostrar prejudicador no entendimento do leitor. Os benefícios ou malefícios de sua utilização dependem do poder de criticidade presente no indivíduo que lê, e da valoração que ele atribui a determinados autores. Compreendidas algumas noções sobre o estereótipo e a estereotipagem, é momento de tratar sobre a segunda categoria de análise: o pressuposto. Faremos tal movimento a partir da análise de alguns prints para melhor compreensão.

| Sigilo | Passivo |
|---------------|--------------------------------|
| Exceção aqui! | Roupas e cabelos extravagantes |
| - | Trejeitos femininos |
| - | Espalhafatoso e (ou) delicado |

Imagem 6: Sigilo Nosso



Fonte: acervo da autora.

Todas as expressões referenciais do objeto “passivo” são utilizados para qualificar o que o usuário alega ser socialmente associado aos passivos. Em outras palavras, para o autor do perfil existem pressupostos que são ativados sempre que se fala sobre ser passivo, mas ele é uma exceção a isso que admite ser uma regra, ou seja, reafirma sua masculinidade (Toneli, 2022). Chamo atenção para a oração condicional que é responsável por iniciar a descrição “Se para ser passivo é necessário [...]”, pois seu uso é intencional e serve para ativar um conhecimento compartilhado quanto ao “ser passivo”.

Apesar de não utilizar o adjetivo “sigiloso”, seu nome é “sigilo nosso” e ele conclui os elementos associados à figura do ativo afirmando, em tom irônico, “acho que temos uma exceção aqui!”. Por isso, é possível observar que ele se declara sigiloso e uma exceção por ser um passivo não afeminado, pois socialmente se produz uma “visão heterocentrada e homofóbica sobre o homem normal, entendido como ativo, dominante e não-afeminado” (Gomes; Rebello; Nascimento, 2010, p. 95).

O pressuposto, neste exemplo, acaba por se apresentar como uma categoria analítica para o estudo das masculinidades no Grindr e sobre ele duas vertentes teóricas, no âmbito das análises do discurso, merecem destaque. Segundo Maingueneau (1997, p. 79-80), “o pressuposto não é assumido, não é o objetivo reconhecido da enunciação, mas apenas uma crença apresentada no discurso”. No mesmo sentido, Van Dijk (2012, p. 46) argumenta que “estrategicamente, os pressupostos são frequentemente usados para assumir a verdade de uma proposição quando essa verdade não está estabelecida de nenhuma forma”.

Com base nos autores, o pressuposto é muito mais uma convicção social do que um objetivo comprovado por meio do discurso. Consequentemente, a ideia de que todo passivo é afeminado nada mais é do que um estereótipo criado e alimentado socialmente por discursos, mas que não pode ser avalizado como verdade. Fora do Grindr, essa associação é corriqueira: é comum tomar um gay afeminado como passivo de modo que seus trejeitos denunciariam a sua atuação sexual, o que não tem coerência. Tal discurso, por ser recorrente, acaba resvalando no aplicativo e sendo ratificado sem criticidade por muitos dos seus usuários.

Um outro exemplo do pressuposto passivo-afeminado pode ser observado a seguir:

Imagem 7: Passivo Macho



| |
|--------------------|
| Passivo |
| Macho |
| PASSIVO |
| Andar rebolando |
| <u>Falar miado</u> |

Fonte: acervo da autora.

No caso das duas últimas retomadas, é possível ver o uso do pressuposto que ratifica uma relação de igualdade entre as ideias de ser passivo e ser afeminado. Há um diferencial no exemplo sublinhado, ligado ao “falar miado”, que pode ser considerado como uma recategorização (a partir de agora, todas as recategorizações serão sublinhadas de modo a destacá-las), que pode ser compreendida a partir do fato de que:

“[...] ocorre em diferentes situações. Para além disso, vislumbramos um quadro investigativo que saliente a natureza múltipla dos “aspectos” a serem recategorizados. Resta, portanto, descrever o

“resultado” de tais recategorizações, ou seja, analisar e discutir os diferentes tipos de traços recategorizadores que podem ser atribuídos aos referentes (Custódio Filho, 2022, p. 844).

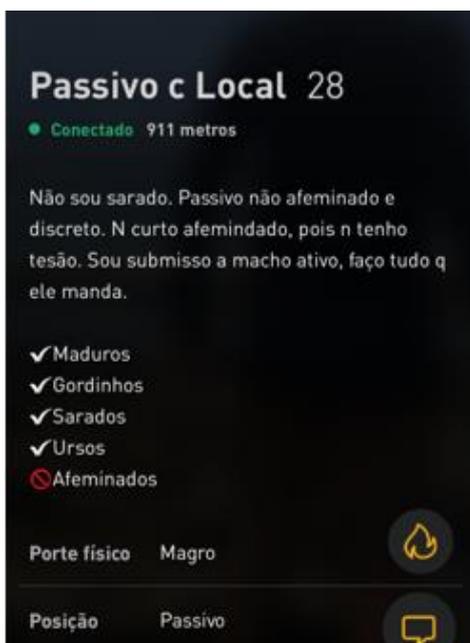
Quando se fala sobre passivos, a primeira ideia que vem à mente não é de alguém que fala como um gato, de modo fino ou estridente, logo, o autor desqualifica a ideia de ser passivo e o aproxima, de forma depreciativa, de um uso pouco comum: aquele que fala como quem mia.

Como discutido no exemplo anterior, o pressuposto *passivo-afeminado* não é uma verdade que pode ser comprovada. Apesar disso, no interior do Grindr ele funciona como o que Citelli (2007) define como discurso dominante, ou seja, aquele que ganha status de verdade por ser continuamente produzido e ratificado. Ambos os exemplos analisados até aqui ressaltam a importância de atentar para os discursos no estudo sobre as masculinidades.

Neste sentido, podemos considerar que o *discurso*, segundo Norman Fairclough (2016, p. 95), “contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social [...] suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes”. Assim, no interior de práticas discursivas, como a aqui enfatizada, o falante mobiliza diferentes saberes e impacta a estrutura social, evidenciando, também, suas questões identitárias, pois “não é apenas enunciativo e sim também criativo e social nas suas ações cognitivas” (MARCUSCHI, 2004, p. 275).

Por fim, como existe a ideia de que todo passivo é afeminado e a procura no Grindr é voltada, majoritariamente a homens discretos, será possível perceber qual o passivo que é "aceito" dentro do aplicativo:

Imagem 8: Passivo c Local



Fonte: acervo da autora.

| |
|------------------------|
| Passivo |
| Passivo (2x) |
| Não afeminado |
| Discreto |
| Não curto afeminado |
| Não tenho tesão |
| Submisso a macho ativo |
| ✗ Afeminados |

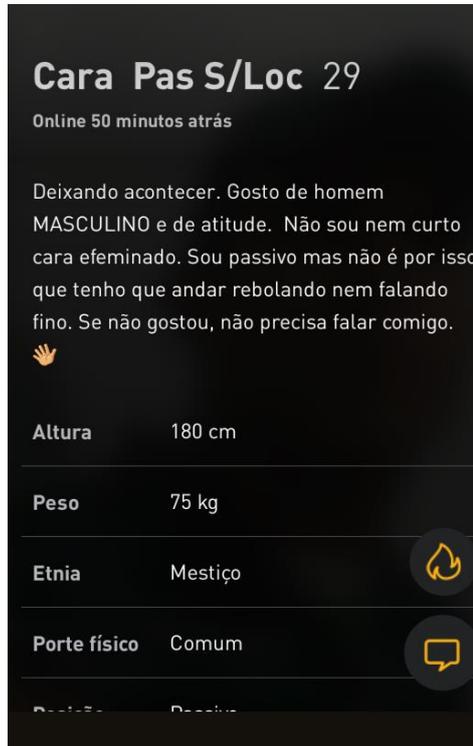
É notório que o usuário estabelece algumas regras para ser um passivo desejável, isso é revelado por meio da repetição da ideia “passivo não afeminado”, “n[ão] curto afeminado” e “proibido afeminado”. Faz-se importante salientar que a repetição de “afeminado”, como forma de mostrar o que não é bem-vindos neste perfil, não se dá por acaso, haja vista que “repete-se como meio de martelar na mente do leitor/ouvinte até que se deixe persuadir” (Koch; Elias, 2016, p. 100). As repetições, como anteriormente observadas, de acordo com Van Dijk (2015, p. 26), “são rápidas, orientadas para objetivos específicos, dependentes do contexto, paralelas (isto é, operam em vários níveis) e utilizam diferentes tipos de informações (muitas vezes, incompletas) ao mesmo tempo”. Por isso é importante desnaturalizar os mecanismos linguísticos utilizados nos discursos, pois assim é possível compreender como são organizados e inferir seus possíveis objetivos.

Até este momento do texto, você deve ter percebido que faço algumas críticas aos teóricos e conceitos considerados clássicos, apesar disso mobilizo alguns deles no meu referencial teórico e metodológico. No fim, não proponho que abandonemos as teorias clássicas, mas que elas não sejam a nossa única fonte de inspiração epistemológica.

Ao longo da discussão trouxe teóricas clássicas e contemporâneas, vozes que são avalizadas socialmente e outras que não são tão bem-quistas assim. Neste tópico, em específico, apresentarei alguns conceitos com base nas perspectivas de Teorias Transviadas. Admito que cogitei, por um momento, construir um tópico específico dedicado às Teorias Transviadas, no

entanto, acho que apresentar tais teorias ao passo que analiso o corpus faz sentido e operacionaliza os conceitos de uma maneira mais interessante, conforme os exemplos a seguir:

Imagem 9: Cara Pas S/Loc



| Cara | Passivo |
|------------------|---------------------|
| Homem | Cara efeminado |
| MASCULINO | Passivo |
| Homem de atitude | Andar rebolando |
| - | <u>Falando fino</u> |

Fonte: Acervo pessoal.

| Sigilo | Passivo |
|----------------------|----------------------|
| Discreto (2x) | Não curto afeminados |
| Jeito e voz de macho | - |

Imagem 10: CaraPass_sigilo



Fonte: Acervo pessoal.

É possível observar que ambos os perfis compartilham um mesmo objeto de discurso “passivo”. As expressões referenciais “cara efeminado” e “passivo”, da imagem 8, e “não curto passivo”, da imagem 9, têm uma base em comum: o estereótipo de que todo passivo é afeminado, por isso, a reafirmação do pressuposto passivo-afeminado é bastante comum, inclusive em muitos dos perfis que foram analisados até agora.

Por outro lado, o objeto de discurso “Cara” é retomado, na imagem 8, como “homem”, “masculino” e “homem de atitude”, enquanto que “Sigilo”, na imagem 9, é referido como “discreto”, repetido duas vezes, e “jeito e voz de macho”. É ativado, neste caso, o estereótipo de que todo ativo é másculo e o pressuposto ativo-m másculo. Em ambos os casos, um conceito ganha evidência, sendo ele o gênero.

Seria possível conceber gênero, numa perspectiva mainstream, a partir de Butler (2016, p. 69), como “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. Assim, gênero tem a ver com performance e é construído, não inato.

Apoiar-me nesta concepção, ou adotá-la como referencial para o meu texto, não seria um problema, no entanto, não é necessário voltar obrigatoriamente o olhar para o norte global a fim de conceituar gênero dentro de nossa realidade sudaca. Talvez você que me lê se pergunte

porque o meu texto não se inscreve nominalmente em uma Linguística Queer (Mazzaro, 2021; Santos Filho, 2021; Borba, 2015). Reconheço os ganhos teóricos desta área em expansão, mas por entender alguns de seus limites prefiro privilegiar noções sutis de linguística, haja vista:

Entendo o significado da palavra queer, mas gosto dos meus nomes, eu gosto dos nossos nomes, eu gosto da nossa criatividade, do som das nossas palavras [...] E o poderoso, se quiser, se ele tiver boa vontade, ele tem que aprender a traduzir a gente, tem que tentar entender as nossas palavras. Então, eu gosto mais da palavra viada do que queer, da palavra travesti do que queer, mostra do que queer, embora, repito, eu compreendo, eu entendo, eu abraço o pejorativo que expressa essa palavra, que é uma reivindicação de uma geração de autonegacionistas parte desse insulto, dessa ofensa, desse pejorativo. Eu prefiro sair da colonização e escolher palavras lindas que existem e inventar novas palavras (Shock; Vieira, 2021).

Por isso, prefiro adotar como centrais outras possibilidades de entendimento sobre a ideia de gênero, a exemplo de compreendê-lo como “uma costura temporária entre o discurso sobre essas práticas e a própria prática”, o que resulta em “identidades plásticas” (Santos Filho, 2020, p. 30). Ainda, é possível conceber “o gênero como categoria diagnóstica” (Bento; Pelúcio, 2012, p. 570), haja vista o histórico das organizações de saúde ao adotarem nomear a homossexualidade ou a travestilidade, por exemplo, como uma incongruência de gênero ou um desvio dele.

Tenho refletido, mais recentemente, sobre a possibilidade de gênero como (re)produtor de violências, pois por ser uma categoria colonial, ele tanto reproduz violências e opressões como é uma violência em si, pois pressupor gênero como um conceito permite que algumas de suas vivências e, conseqüentemente quem as vivencia, sejam compreendidas como hegemônicas por “concentrar maior poder em relação aos demais” (Gomes; Rebello; Nascimento, 2010, p. 95).

Se quisermos ainda pensar numa perspectiva performativa ligada ao gênero, podemos evocar o autor transmasculino Paul Preciado (2008, p. 89) ao afirmar que “O gênero (feminilidade/masculinidade) não é nem um conceito, nem uma ideologia, nem uma performance: se trata de uma ecologia política”. Isso dialoga com o fato de que fazer gênero não é uma mera repetição, uma vez que é preciso o entendimento de que “ser homem ou mulher é uma ficção somatopolítica produzida por um conjunto de tecnologias de domesticação do corpo, por um conjunto de técnicas farmacológicas e audiovisuais” (idem).

Imagem 11: Cláudio



| |
|--------------------------|
| Passivo |
| Afetados |
| Afeminados |
| <u>Fashions</u> |
| <u>Falam miando</u> |
| Passem bem longe |
| Não é preconceito |
| É questão de preferência |

Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 12: Ativo leiteiro



| Ativo | Afeminado |
|-----------------------------|------------------|
| Leiteiro | Afeminados 📛 |
| Barbudos 📛 📛 📛 📛 | Fala mansa 📛 |
| Barbudos podem furar a fila | - |

Fonte: Acervo pessoal.

Algumas questões merecem atenção em ambos os perfis, a primeira delas diz respeito às expressões referenciais “Fashions” e “Falam miando”, na imagem 11, e “Fala mansa ”, na imagem 12. Assim como já observado em outros perfis, acontecem aqui recategorizações, nestes casos, podem ser considerados como *recategorizações depreciativas*, ou seja, um fenômeno responsável por alterar o sentido inicial do objeto de discurso sobre o qual se fala, ao passo que o aproxima de usos pejorativos que não são comumente atribuídos a ele, segundo Monteiro *et al.* (2018).

Para além disso, todas as recategorizações sublinhadas ao longo da análise aproximam os “passivos”, a trejeitos lidos socialmente como femininos “falar miado, miando, manso”. Isso se dá a partir da ideia de:

Os estereótipos de "masculinidade" e "feminilidade" que a sociedade impõe a determinados sujeitos, "gays" e "lésbicas", como o "homem afeminado" e a "mulher masculinizada", contribuem para a reprodução do preconceito e da discriminação de um aspecto que é privado, o "modo de ser de cada um de nós" (que deve, para o "padrão heterossexual", ser "eminente homem macho" e "mulher fêmea" em "papéis sociais pré-determinados") (Silva, 2013, s/n).

Atribuir características ditas femininas a homens é, em muitos casos, um modo de desqualificar a masculinidade destes homens. Tais atitudes se alinham, assim como outros exemplos vistos até aqui, às estruturas da cis-heteronormatividade que se dá por meio de “normatizações e regulações, age como uma armadilha contra a dissidência por julgá-la inadequada e, em certa medida, uma ameaça contra a padronização que se pretende criar (Monteiro, 2022, p. 140). Desse modo, é possível reconhecer ecos do discurso cis-heteronormativo “presentes no Grindr e acabam por legitimar algumas masculinidades e subjugar as que se desviam do parâmetro de normalidade” (idem).

4 PREÂMBULO DA LINGUÍSTICA APLICADA (LA) NO BRASIL

Duas questões centrais serão abordadas neste texto, sendo elas: 1) LA como desaprendizagem e lócus da (de)formação de bases metodológicas; 2) O papel da pesquisadora em LA no que tange à dissidência. A fim de refletir sobre as referidas instâncias, discutirei

brevemente sobre algumas interpelações feitas a mim enquanto travesti e professora da rede pública do estado de Pernambuco.

A princípio, convém ressaltar que a Linguística Aplicada pode ser compreendida a partir de três percepções: LA Indisciplinar (Moita Lopes, 1998; 2011); LA Antidisciplinar e Transgressiva (Pennycook, 1998; 2006); LA das Desaprendizagens (Fabrício, 2006). É importante reconhecer que todas essas concepções se coadunam no sentido de repensar epistemologicamente o campo da Linguística Aplicada, no entanto, assumo como basilar neste trabalho a posição de uma Linguística Aplicada das Desaprendizagens, pois ao tratar das temáticas que nos interessam em nível de pesquisa é preciso estar sempre “atentando para considerações que guardem traços e pressupostos de uma episteme ocidentalizada” (Fabrício, 2006, p. 59).

Nesse sentido, Souto Maior (2013, p. 32) afirma que o campo dos estudos da linguagem “se torna um dispositivo reconhecidamente reprodutor de uma ordem vigente perversa”, pois, tradicionalmente, a ciência é um lugar de conflito e por ser produzida por cientistas num dado contexto social, cultural e histórico, acaba por reproduzir relações de poder desiguais e violentas.

Por tal entendimento, a LA atua na construção de fissuras, uma vez que sugere desaprender a tradição científica para dar vazão a modos outros de fazer ciência. Assim, graças às possibilidades de desestabilização do *status quo* da tradição científica, por meio das desaprendizagens, é possível conceber uma LA cujo ímpeto é transgressivo, antidisciplinar, insubmisso e fronteiro.

A discussão sobre a importância das desaprendizagens corrobora para uma (de)formação de bases metodológicas da Linguística Aplicada. Isso se dá, pois a LA tem “interrogado a modernidade, acarretando profundos questionamentos sobre os tipos de conhecimento produzidos e tentando explicar as mudanças contemporâneas em que vivemos” (Moita Lopes, 2006, p. 22).

Questionar os conhecimentos produzidos, contestando regimes de verdade (Fabrício, 2006), demanda, uma episteme que fale nossa língua, tenha nosso cheiro, nossa cor e nos respeite como agentes e não objetos de pesquisa. Esta autora encarrega-se de tensionar o *status quo* da epistemologia europeia e, conseqüentemente ocidental, que erroneamente se afirma enquanto universal e objetiva. Como contraponto, Kilomba (2019) propõe substituir o *modus operandi* científico por outras possibilidades epistemológicas que sejam pessoais e contextualizadas.

Compreendidas as rupturas epistemológicas que a LA é capaz de promover, como área mestiça em constante atualização, é importante considerar qual o papel da pesquisadora em LA no que diz respeito às dissidências, aqui compreendidas como modos de abjeção dentro da sociedade. Espero que a escolha lexical de “pesquisadora”, em detrimento de “pesquisador”, tenha causado algum estranhamento a você que está lendo.

Tal preferência se dá por uma questão política de recusa ao masculino genérico substituindo-o pelo feminino que, aqui, visa representar pessoas pesquisadoras deste campo – como eu que sou uma travesti –, que não se sentem representadas pelo uso do masculino. Percebe como a escolha de uma palavra suscita posicionamentos teóricos? Todo uso, em produções acadêmicas, indicia a autoria de quem produz ciência. Compreendida a escolha da expressão “pesquisadora” podemos avançar em nossa discussão.

A priori, Moita Lopes (2011, p. 22) sustenta que é indispensável pensar a pesquisa como modo de fazer política ao “tematizar o que não é tematizado e dar voz a quem não tem”. Se as portas principais da academia e da ciência estão fechadas para a discussão sobre determinadas existências deslegitimadas socialmente, resta a LA *enrabar* a academia e a ciência, pois o processo de enrabar possibilita acessar o que se pretende esconder por ser considerado sujo, impuro e inadequado.

“É enrabando o mundo, as teorias e a academia que podemos hackear o sistema, traficar saberes marginais, privilegiar potências de subalternidades e também de prazer para aquelas que não podem acessar tais espaços pela porta de entrada” (Monteiro, 2022, p. 150). Quando os acessos são interditados resta sequestrar o *modus operandi* dos sistemas para operar de uma maneira distorcida, absurda e monstruosa.

Outro fator importante, ligado ao papel social de pesquisadoras/es/xs, diz respeito à autocrítica necessária ao fazer científico. Como defende Fabrício (2006, p. 32), é preciso ter em mente a importância de “reexaminar o trabalho, submetendo-o não só à crítica de nossos pares, como também à crítica daqueles que pensam diferente de nós [...] revisitar posições e reavaliar nossas escolhas”. Em outras palavras, pesquisar em Linguística Aplicada é dispor-se ao confronto contínuo com questões que tentam ser estabilizadas como verdade dentro de nossas pesquisas, o que “possibilita o olhar de novo para os valores instituídos e a assunção do estado lacunar das certezas estabelecidas” (SOUTO MAIOR, 2013, 46).

Além disso, é imprescindível admitir a LA como uma área fronteiriça, por dialogar com diferentes disciplinas ampliando-as e fissurando-as, além de movediça, haja vista que não está preocupada em ser construída como uma fortaleza inabalável, mas sim como um campo no qual a instabilidade possibilita a contínua (trans)formação. Isso permite observar “nossos

trabalhos como fabricação de “edifícios” móveis, cujos “alicerces” líquidos não permitem a solidificação do conhecimento “erguido”” (FABRÍCIO, 2006, p. 60), mas, na verdade, possibilita “contemplar o movimento e a continuidade da pesquisa, indicando possíveis efeitos e consequências do caminho percorrido pelo pesquisador” (idem).

Proponho, portanto, a Linguística Aplicada como área cuja insubmissão proporcione a força motriz para a construção de cientistas politizadas, críticas e criativas para ler o mundo a partir de diferentes marcadores, tomando partido e recusando a utópica neutralidade, visando a um fazer científico contextualizado e consciente.

Já que proponho, no presente texto, a (de)formação das bases teórico-metodológicas da LA iniciarei, em seguida, a discussão sobre uma possibilidade de mobilização teórica e metodológica para a discussão sobre dissidências dentro dessa área. Discutirei, portanto, sobre uma Linguística Aplicada (Trans)viada.

5 ROÇANDO A LINGUÍSTICA APLICADA (LA) E AS TEORIAS (TRANS)VIADAS PARA GOZAR UMA LINGUÍSTICA APLICADA (TRANS)VIADA (LAT)

A expressão Linguística Aplicada (Trans)viada muito provavelmente vai causar estranhamento a você que está lendo e isso tem alguns motivos que merecem atenção. Ao longo do estudo, apresentei algumas posições teóricas que culminam na ideia de uma Linguística Aplicada insubmissa, mestiça e das desaprendizagens, mas acredito ser necessário ampliar o debate para considerar o tratamento das dissidências.

Não sou a mãe do conceito Linguística Aplicada (Trans)viada, haja vista outras teóricas já escrevam sobre isso (Bezerra, 2023; Borba, 2021; Bento, 2014). Cada um/a dos/as autores/as mobiliza referencial teórico e metodológico para propor noções sobre transviadagens em interface com questões sociais, históricas, linguísticas e políticas.

Logo, o que tenho proposto nesta dissertação logicamente bebe desses autores e de tantos outros que criam fissuras dentro dos estudos da linguagem. Como demanda para pensar a Linguística Aplicada (Trans)viada, parto da afirmação de que existem falantxs transviadxs, que, segundo Borba (2020, p. 392), “não podem ser definidxs por categorias apriorísticas como gay, lésbica, trans, bi... Seu status transgressor emerge da prática social na qual, por variados propósitos, engajam-se”.

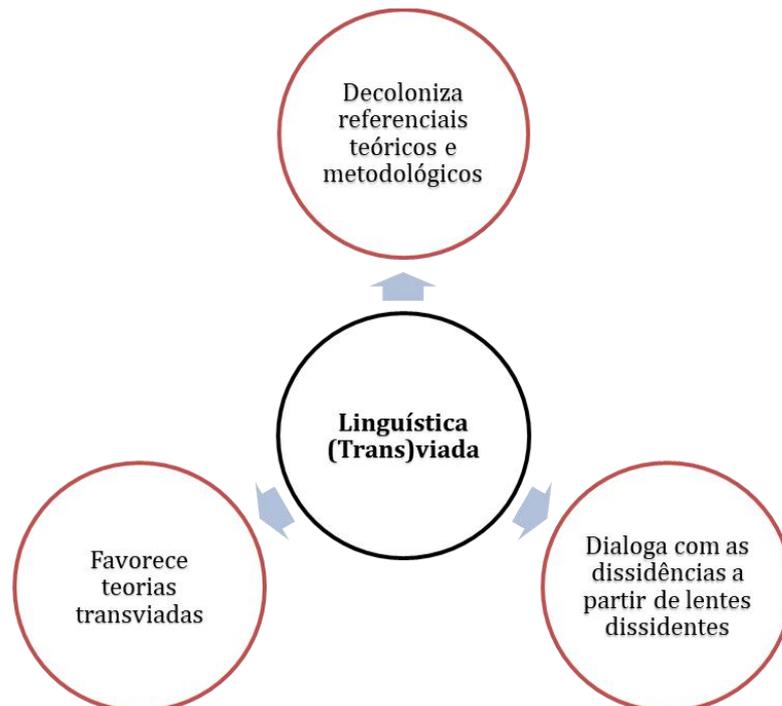
Essas pessoas atuam “em um trabalho de remixagem que acaba por emaranhar repertórios linguísticos, corporais e discursivos” (idem). Percebe como são complexos os modos de operação da língua e as subversões construídas por falantxs transviadxs? Por isso a necessidade de uma Linguística Aplicada (Trans)viada. O uso de parênteses é um modo de

chamar atenção para o prefixo “trans”, mas não quero propor que aqui só caibam discursos trans, pois, na verdade, o que tenho chamado de Linguística Aplicada (Trans)viada poderia ser uma Linguística Aplicada Travesti, bicha, sapatão, boyceta (boys com boceta), preta, sudaca, macumbeira, suja, monstruosa... O modo de nomear é uma escola, mas faço tais proposições para que tenhamos cada vez mais diálogos imundo da Linguística Aplicada com as transviadas.

Assim, acredito que do roçar entre as teorias (trans)viadas e os mais plurais direcionamentos da linguística indisciplinar (.).

Historicamente, os discursos médico e religioso imperam sobre a existência de pessoas dissidentes, ou seja, que fogem das normas padronizantes. Diante disso, muitas produções científicas, influenciadas por esses discursos dominantes, reproduzem violência contra as dissidências ou, até mesmo, mobilizam um referencial teórico europeu para dar conta de existências que estão à margem e demandam um olhar teórico dissidente. É assim que percebo a necessidade de uma LA que seja sensível a ponto de tematizar o que não é tematizado e extrapolar a Linguística, área que por vezes privilegia o hegemônico em detrimento do subalterno. A fim de uma melhor visualização podemos observar a figura abaixo:

Imagem 13: Questões metodológicas da Linguística Aplicada (Trans)viada



Fonte: Acervo da autora.

Com o objetivo de melhor compreender os tópicos apresentados é possível fazer considerações sobre cada um deles.

- **Decolonizar referenciais teóricos e metodológicos:** De acordo com Pereira (2015, p. 415), “decolonizar é se desprender da lógica da colonialidade e de seus efeitos”, em outras palavras, “consiste em se despegar do eurocentrismo e, no mesmo movimento em que se desprende de sua lógica e de seu aparato, abrir-se a outras experiências, histórias e teorias” (idem). Assim, a Linguística Aplicada (Trans)viada reconhece que há um problema epistemológico quando nos apoiamos exclusivamente em fontes hegemônicas (masculinistas, brancas, heterossexuais, cisgêneras e europeias) para falar sobre dissidências. Isso indica que é preciso construir maneiras outras de produzir ciência e a decolonialidade nos oferece encaminhamentos para tal objetivo.
- **Dialoga com a dissidência a partir de lentes dissidentes:** Uma pessoa cisgênera que pesquisa questões trans não pode entender experiencialmente a vivência de uma pessoa trans dada a subjetividade das socializações que esta pessoa enfrenta. Assim, é preciso que se estabeleça diálogo com teorias e epistemologias que sejam capazes de falar das dissidências a partir do ponto de vista de sujeitas que as vivenciam cotidianamente. Logo, se em um trabalho sobre questões trans, por exemplo, não mobiliza teoria e metodologia de pessoas trans há nele um problema de ordem epistemológica graças ao apagamento de vozes necessárias.
- **Viabiliza aspectos textuais e discursivos das dissidências:** Um modo de compreender existências dissidentes é observar como agem linguisticamente. Para tanto, focar aspectos textuais e discursivos das dissidências é uma possibilidade de investigar como sujeitas dissidentes representam a si mesmas e são representadas, além de perceber de que maneira, no jogo comunicativo, tais pessoas são constrangidas pelos discursos e estruturas sociais e, ao mesmo tempo, são responsáveis por constranger discursos e estruturas sociais. É preciso considerar questões textuais e discursivas como “estratégias argumentativas que buscam atender às tentativas de influência do locutor sobre o interlocutor (e, quando for o caso, sobre o participante indireto da interação)” (Cavalcante; Martins, 2020, p. 245).
- **Favorece teorias transviadas:** Considero teorias transviadas aquelas produzidas por existências transviadas, ou seja, que estão à margem e vivenciam empiricamente as

dissidências sobre as quais tematiza. Em outras palavras, são teorias capazes de, por exemplo:

enfatizar alguns elementos do próprio exercício de escuta da “voz” travesti [...] para desenho de uma epistemologia e, neste caso, uma trans-epistemologia”. Isso deve ser considerado ao passo que “se existem dispositivos para a não escuta destas histórias, assim estamos diante de um trans-epistemicídio (York; Benevides; Oliveira, 2020, p. 3).

6 (IN)CONCLUSÕES

Este trabalho, apesar de introdutório, cumpre o papel de discutir outras possibilidades de fazer ciência a partir de epistemologias e metodologias que recusam se deter apenas à colonialidade do saber (Freitas; Morais, 2019). Espero que este texto incite mais dúvidas do que certezas, por isso não posso fazer considerações finais como se estivessem totalmente concluídas, elas estão em aberto para diálogo comigo mesma e com outres que estejam dispostes à interlocução. Grosso modo, é importante considerar algumas questões, como as expostas a seguir:

As recategorizações depreciativas, no Grindr, funcionam como recurso argumentativo que visa deslegitimar masculinidades de homens passivos. As mais recorrentes se deram no sentido de estabelecer relação entre passivos e animais “dóceis”, como por exemplo em “fala fino”, “falando miado”, “fala mansa” e “fala miando” As recategorizações também podem ser positivas, de modo a avalizar determinadas masculinidades, mas isso não ocorre quando falamos dos passivos.

As expressões “passivo” - “afeminado” e “ativo - másculo” são utilizadas como sinônimos perfeitos, como se todo passivo fosse afeminado a menos que afirme não o ser, e todo ativo fosse másculo, mas sem precisar deixar isso explícito no perfil. Ou seja, o passivo precisa justificar que é uma exceção aos pressupostos que ligam a passividade ao feminino, como “não é por ser passivo que tenho que andar rebolando”, ou “temos uma exceção aqui”.

O “pressuposto” e o estereótipo podem funcionar como categorias analíticas importantes para os estudos sobre masculinidades dissidentes no Grindr e em outras esferas

sociais, pois são capazes de organizar os dados coletados de modo evidenciar suas particularidades. Nesse sentido, os pressupostos “passivo-afeminado” e “ativo-másculo” merecem atenção nos estudos que enfocam masculinidades dissidentes, pois no Grindr são elementos recorrentes e produtivos para análise por estarem presentes em todos os perfis analisados.

Os objetos de discurso “bicha”, passivo” e “ativo” são os mais comumente encontrados na análise, o que indica sua produtividade e necessidade de estudos futuros que possam se debruçar sobre eles. Ainda, é preciso pensar gênero menos em termos de hierarquia, como válido ou inválido, e mais como possibilidades de existência que não precisam se encaixar em normas tradicionais, considerando que as relações de poder, organizadas por meio do gênero, nada têm de natural pois são, na verdade, naturalizadas. Estar atenta é essencial para não normalizar violências que são imputadas às corpos dissidentes como forma de correção por se afastarem das cis-heteronormas.

Faz-se necessário, por fim, cogitar outras formas de fazer ciência para além do *modus operandi* da colonialidade. Lógico que a colonialidade do saber está imbricada em nossa sociedade, mas é preciso dismantela-la caso se deseje falar sobre subalternidades e dissidências. Por isso, é possível mobilizar referencial teórico clássico, mas fazendo fissuras que possibilitem sua flexibilização ou até mesmo sua superação.

7 REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. (org.) **A imagem de si no discurso: a constituição do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BABAGLI, Beatriz. Máquinas discursivas, ciborgues e transfeminismos. **Cadernos de gênero**, Niterói, v.14, n.1, 2. sem. 2013, p. 11-27.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4 ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA FILHO, Fábio; OTHERO, Gabriel. **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022.
- BENTO, Berenice. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. **Revista Cult – Dossiê Teoria Queer – o gênero sexual em discussão**, no 193, ano 17, p.42-46, agosto de 2014.
- BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 569-581, maio-agosto/2012.
- BEZERRA, Fábio. **Linguística Aplicada Transviada: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar**. São Paulo: Pontes Editores, 2023.
- BORBA, Rodrigo. Falantxs transviadx: linguística queer e performatividades monstruosas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, 21(2), 2020, p. 388-409.
- BORBA, Rodrigo. **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2021.
- BLIKISTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. 22 ed. São Paulo. Ática, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CAVALCANTE, Mônica *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2022.
- CAVALCANTE, Mônica; BRITO, Mariza. **Texto, discurso e argumentação: traduções**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2022.
- CAVALCANTE, Mônica; MARTINS, Mayara. Referenciação em síntese. In : LIMA, Alisson; SOARES, Maria; CAVALCANTE, Sávio. (org.). **Linguística Geral: os conceitos que todos precisam conhecer**, 2020a. p. 237-272.
- CARNEIRO, Thiago Cesar da Costa. **Vender-se(r) no Grindr: efeitos da inscrição do sujeito no discurso da mercantilização do corpo masculino**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- CIULLA SILVA, Alena. Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

COSTA, Ramon. Entre taps e direitos: proteção de dados pessoais, privacidade e liberdade no aplicativo Grindr. Dissertação (Mestrando em Direito e inovação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

CRUZ, Marcos. Corpo, virilidade e desejo: o ethos discursivo de masculinidade em anúncios de garotos de programa no Grindr. Dissertação (Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal do Pará, Pará, 2022.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações:** esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FABRÍCIO, Branca. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 45-63.

FABRÍCIO, Branca. Nosso ser-assim é uma atividade. In: LOPES, Luiz; GONZALEZ, Clarissa; MELO, Glenda; GUIMARÃES, Thayse. Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2022, p. 11-15.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

FREITAS, Altiere; MORAIS, Jorge. O “intelectual” segundo o pensamento decolonial de Walter Mignolo: redescrição e axiologia. **Interritórios**, Revista de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. V. 5, N. 8, [2019], p. 27-53.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 24-35.

GOMES, Romeu; REBELLO, Lúcia; NASCIMENTO, Elaine. Medos sexuais masculinos e política de saúde do homem: lacunas e desafios. In: MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; AZEVEDO, Mariana; BRASILINO, Jullyane. (Org.). Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas. Recife: Instituto PAPAI, 2010, p. 95-109.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado.** v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KIMMEL, Michael. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial**, v. 03 | n. 04 | 2016 | pp. 97-124.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Escrever e argumentar.** São Paulo: Contexto, 2016, p. 85-101.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Tradução: INDURKY, Freda. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3. ed., 1997.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria; OLIVEIRA, Roberta. **Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 263-284.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAZZARO, Daniel. Por uma educação linguística queer: estranhando conceitos e práticas. **Gragoatá**, 26(56), 1052-1084, 2021
- MIGNOLO, VALTER. **Desobediência epistêmica**. Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe**. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (orgs.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo, Contexto, 2011, pp. 11-24.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MONTEIRO, Nai; MENDONÇA, Graziella; CORTEZ, Suzana. Análise do processo de referenciação de textos que abordam a “ideologia de gênero”. In: **Anais da V semana de letras da UFPE**. Recife: Editora UFPE, 2018. p. 109-115.
- MONTEIRO, Nai. 'Não curto bichinhas': Interdições às masculinidades afeminadas no aplicativo de relacionamento 'Grindr'. In: Renata Barbosa Vicente; Cristina Lopomo Defendi. (Org.). **Discurso e Gênero: Estudos de Linguagem em Perspectiva Interdisciplinar**. 1ed. São Paulo: Editora IFSP, 2022, v. 1, p. 134-147.
- MUNIZ LIMA, Isabel. **Modos de interação em contexto digital**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2022.
- OLIVEIRA, Thiago. **Sobre o desejo nômade: pessoa, corpo, cidade e diferença no universo da pegação**. Rio de Janeiro, RJ: Multifoco, 2017.
- OLIVEIRA, João Manuel. **O que é o queer?** Realizado em 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LfnFA434myk&t=2107s>. Acesso em: 30 de Maio 2024.
- PEREIRA, Pedro. *Queer* decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea**. v. 5, n. 2, p. 411-437, Jul.–Dez. 2015.
- PENNYCOOK, Alastair. A Linguística Aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (Orgs.) **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- Preciado, Paul B. **Manifiesto contra-sexual**. Madrid, Opera Prima, 2002.
- RABATEL, Alain. Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração: teoria e análise. São Paulo: Cortez, 2016.
- KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

SANTOS FILHO, Ismar. **Processos de pesquisa em linguagem, gênero, sexualidade e (questões de) masculinidades**. Recife: Pipa Comunicação, 2017.

SANTOS FILHO, Ismar. **Linguística Queer**. Recife: Pipa Comunicação, 2020. do pesquisador como ato responsável. *Polifonia*, Cuiabá, MT, v. 20, n. 27, p. 31-53, jan./jun., 2013.

SANTOS FILHO, Ismar. Afrontas queer/cu-ir: linguagem não-binária na escrita acadêmica (implicações políticas e possibilidades). *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 1256–1275, 2021.

SILVA, Adriana. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. *Rev. NUFEN*, vol.5, n.1, São Paulo, 2013.

SILVA, Leandro. Vinte e quatro notas de viadagem. *Revista Periódicus*, Bahia, 1(2), 216–226.

SILVA, José; PEREIRA, Jonathan; PONTES, Nicole. “**Ser um homem feminino...**”: Identidade e afeminofobia na produção de masculinidades de homens gays. Anais IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero. Campina Grande: Realize Editora, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Publicação Universidade de Salvador. **Educação e Sexualidade**, 2009.

SHOCK, Susy; VIEIRA, Helena. FLI: Helena Vieira entrevista Susy Shock. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ch1QRfK-Ruw&t=3562s>. Acesso em: 30 de Maio 2024.

TONELI, Mária. Práticas de/na intimidade: o que queremos dizer com isso? In: MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; AZEVEDO, Mariana; BRASILINO, Jullyane. (Org.). *Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas*. Recife: Instituto PAPAÍ, 2010, p. 139-151.

VERGUEIRO, Viviane. Considerações transfeministas sobre linguagem, imaginação e decolonialidade: a identidade de gênero como categoria analítica. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, 21(2), 2020, p. 452-457.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. *Revista de Estudos Feministas*, Santa Catarina, v. 28, n. 3, p. 1-12, 2020.